



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

DISCIPLINA DE PSICOPATOLOGIA I

AUTORAS: Joana Milan, Laura Busatto e Stefany Lunkes

O TRANSTORNO DISSOCIATIVO DE IDENTIDADE E A SUA REPRESENTAÇÃO NA MÍDIA A PARTIR DO FILME “FRAGMENTADO”

Resumo

O Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI) é um transtorno psicopatológico popularmente conhecido como “dupla personalidade”, é caracterizado pela segregação da mente em personalidades distintas na forma de agir e se relacionar com o mundo. O filme Fragmentado, de M. Night Shyamalan nos apresenta como protagonista o personagem Kevin Wendell Crumb, indivíduo diagnosticado com TDI. A partir da representação do quadro no filme Fragmentado, o presente estudo objetiva realizar uma análise do TDI, examinando como a sintomatologia e a dinâmica do transtorno são retratados na história do protagonista. São discutidos os critérios diagnósticos trazidos pelo Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5 (DSM-5), as características etiológicas e a dinâmica do transtorno, bem como os estereótipos em relação a este diagnóstico. Compreendeu-se que a obra cinematográfica possui embasamento científico dialogando com diversos critérios diagnósticos do DSM-5 possuindo uma relevante representação da dinâmica relacional entre identidades do protagonista. Entretanto, a representação ficcional violenta e agressiva do personagem com Transtorno Dissociativo de Identidade, bem como a propagação do estereótipo de que as identidades de pessoas com TDI são tão diferentes umas das outras que podem ser caracterizadas como indivíduos separados, pode produzir uma influência social que propague a estigmatização e dificulte a representatividade e aceitação das pessoas com o transtorno na sociedade.

Palavras-chave: transtorno dissociativo de identidade; fragmentado; transtorno de personalidade; psicopatologia; mídia.

Introdução

Neste estudo será abordado aspectos relativos ao Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI), popularmente conhecido como “dupla personalidade”. Este é um transtorno caracterizado pela segregação da mente em estados de personalidade distintas na forma de agir e se relacionar com o mundo. Estudos sobre a causa, diagnóstico e tratamento são feitos há décadas pela Medicina e pela Psicologia, mas ainda hoje há grande dissenso teórico-metodológico sobre o quadro. Apesar disso, observa-se a crescente interesse e representação do transtorno em obras ficcionais, tanto na literatura quanto nas mídias audiovisuais, que utilizam o quadro psicopatológico enquanto elemento de dramatização da narrativa. Nesse sentido, o presente trabalho objetiva realizar uma análise do transtorno dissociativo de identidade a partir da representação do quadro no filme “Fragmentado”, analisando como a sintomatologia e a dinâmica do transtorno são retratados na história do personagem Kevin Wendell Crumb. Dessa forma, são discutidos aqui os critérios diagnósticos trazidos pelo Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), as características etiológicas e a dinâmica do

transtorno, bem como uma análise crítica da representação do transtorno na indústria cinematográfica.

Os Transtornos Dissociativos (TD) são caracterizados pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 1993) e pela Associação Psiquiátrica Americana (APA, 2014) como aqueles em que há a perda na continuidade da experiência subjetiva e perturbação da integração funcional entre a memória, a consciência, a identidade, a percepção do ambiente e a representação corporal, ocasionando a perda da unidade psíquica comum do ser humano (Dalgarrondo, 2019; Faria, 2016; Ross, 1989). Dentre os transtornos dissociativos, três destacam-se por serem mais bem documentados, a saber: o transtorno dissociativo de identidade (TDI), a amnésia dissociativa e o transtorno de despersonalização/desrealização, sendo a dissociação o elemento comum entre os quadros (APA, 2014).

A dissociação é um fenômeno psicofisiológico que envolve um amplo conjunto de experiências e sintomas, que são caracterizados por uma ruptura no funcionamento psicológico integrado, alterando a acessibilidade da memória e do conhecimento, a integração do comportamento e o senso de identidade. Apesar da dissociação ser considerada a principal característica dos transtornos dissociativos, existem psicopatologias cujo fenômeno está presente sem que o diagnóstico de TDI seja efetivado. Dessa forma, a dissociação é uma condição que também pode se fazer presente nos quadros de personalidade borderline, psicose, estresse pós-traumático e esquizóides em geral (Dell & O'Neil, 2009; APA, 2014; Putnam, 2000; Ross, 1989).

É importante destacar que a experiência dissociativa é considerada por alguns autores como sendo um fenômeno situado em um continuum, que se estende da experiência funcional aos sintomas patológicos (Dell & O'Neil, 2009). Lynn, Fassler, Knox e Lilienfeld (2006) descrevem que o fenômeno é comumente relatado por vítimas de estupro, quase afogamento, acidentes automobilísticos graves, desabamentos de prédios, desastres naturais e desastres de guerra. Nesses casos, a dissociação pode ser considerada como uma espécie de defesa da psique, uma vez que permite que o indivíduo se separe da experiência do trauma (Dalgarrondo, 2019; Dell & O'Neil, 2009). Assim, nem toda experiência dissociativa caracteriza-se como uma disfunção. Contudo os critérios para classificação/distinção entre os processos normais e os processos patológicos ainda não foram bem estabelecidos, sendo uma lacuna da área e uma questão que levanta dúvidas acerca da (multi)dimensionalidade do fenômeno.

Nos transtornos descritos pelo DSM-5 (APA, 2014), os processos dissociativos patológicos se manifestam como: a) disfunções de memória, que incluem a incapacidade de recordar informações autobiográficas e/ou a invasão desconcertante e abrupta de memórias traumáticas; b) na forma de perturbações de identidade, descritos enquanto a experiência de estados comportamentais e afetivos distintos, cada um associado a um senso subjetivo de individualidade; e c) na experimentação de sentimentos de desconexão entre a mente eo corpo, como por exemplo, a sensação de ser controlado por uma força externa. Para além desses quadros, os processos dissociativos também podem se manifestar como distúrbios de regulação de humor (em termos de depressão, mudanças de humor, retraimento social), revivência da experiência traumática (na forma de flashbacks e alucinações) e desenvolvimento de comportamentos disfuncionais (como desatenção, impulsividade, automutilação), mas em menor frequência e intensidade (Dalgarrondo, 2019; Dell & O'Neil, 2009; Putnam, 2000; Ross, 1989). Observa-se que todas essas manifestações dissociativas estão presentes, em maior ou menor grau, no quadro de TDI. Nesse sentido, o transtorno é entendido como a psicopatologia dissociativa paradigmática, com maior potencial de prejuízo funcional do indivíduo (Sadock, Sadock & Ruiz, 2017).

O Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI) é caracterizado pela existência, na mesma pessoa, de dois ou mais estados de personalidade distintas (em termos de padrões de comportamento, chamados de alter, autoestado ou identidades), que se apresentam de modo alternado na forma de agir e se relacionar com o mundo (APA, 2014; Dell & O'Neil, 2009; Putnam, 2000; Ross, 1989; Spiegel, 2012). Dalgalarrodo (2019) descreve que no quadro de TDI ocorre a perturbação e o isolamento (dissociação) de aspectos da mente e da personalidade, sendo a fragmentação da personalidade um mecanismo para suprimir do campo da consciência e da memória pensamentos, desejos e experiências vividas que são inaceitáveis para o indivíduo.

O fator etiológico clássico no diagnóstico do TDI é a presença de trauma na infância, entendido como o disparador do processo dissociativo e surgimento dos sintomas, possivelmente associados a herança genética de tendências dissociativas (Maraldi, 2014). Nesse sentido, a gênese e manutenção de identidades alternativas podem ser atribuídas como um efeito da exposição prolongada a situações de extrema violência e abuso na infância (Dalgalarrodo, 2019; Dell & O'Neil, 2009; Putnam, 2000; Ross, 1989), vivências estas que são enfrentadas pela criança a partir de uma dissociação, de forma que a leva a acreditar que a situação está acontecendo com outra pessoa (com um amigo imaginário, por exemplo) (Kluft, 2006; Watkins & Watkins, 1998).

Ao longo da história, o que atualmente chama-se de TDI adquiriu facetas muito diferentes, indo desde a possessão demoníaca, passando pelo diagnóstico de histeria, até alcançar o quadro de múltiplas personalidades e, recentemente, o quadro de transtorno psicopatológico (Maraldi, 2014). Durante o percurso de desenvolvimento teórico-metodológico sobre o tema muito discutiu-se sobre a validade do transtorno enquanto fenômeno, uma vez que alguns autores argumentam que o TDI é uma condição socialmente construída e culturalmente influenciada, não uma resposta natural ao trauma severo durante a infância. Atualmente, Lyn et al., (2006), destacando o estado provisório de conhecimento sobre essa condição, apontam um conjunto de evidências que corroboram a existência do TDI enquanto fenômeno psicopatológico, sugerindo que as influências socioculturais operam em um plano de fundo da psicopatologia.

Howell, (2011), ao descrever a dinâmica do transtorno, indica que o indivíduo diagnosticado com TDI vive essencialmente com mais de uma identidade simultaneamente ativa e subjetivamente autônoma. Essas diferentes identidades têm seu próprio senso de *self*, incluindo senso de memória biográfica e nomes diferentes. Coons (1994) descreve que geralmente há uma identidade original, a qual carrega o nome de nascimento do indivíduo, e costuma ser passiva, dependente, culpada e depressiva. Já as demais identidades contrastam com a primária, apresentando hospitalidade, participação ativa e controle. Nesses casos, as características e recursos pessoais das identidades alternativas parecem ser o oposto daqueles exibidos pela identidade original do indivíduo, assumindo funções específicas em determinadas áreas da vida diária, como na família ou no trabalho (Lyn et al., 2011). Os autores também apontam que cada identidade tem seu próprio padrão de percepção relativamente duradouro sobre o *self* e o ambiente. Tais identidades podem diferir em idade, identidade de gênero, orientação sexual, afeto, maneirismos, atitude, vestimenta, sotaque e estilo de escrita. Mais comumente, a identidade “original” inicialmente não sabe que existem identidades alternativas, e estas podem ter vários graus de consciência umas das outras. Algumas são capazes de um processo denominado consciência (ter consciência do que está acontecendo enquanto outra identidade está no controle), e em alguns casos duas identidades podem coexistir simultaneamente no controle.

Tal posto, observa-se a complexidade teórico-metodológica do transtorno e as particularidades a serem consideradas na investigação e intervenção em quadros dissociativos. Respaldo pelo referencial teórico apresentado na introdução, será realizada a seguir a análise do filme “Fragmentado” (2016), buscando identificar os elementos do quadro de TDI presentes na narrativa.

Análise da representação do Transtorno Dissociativo de Identidade na mídia

Resumo do filme Fragmentado

O filme “Fragmentado” é um longa-metragem do diretor M. Night Shyamalan lançado no ano de 2016. Caracterizado como um suspense psicológico, o filme apresenta ao público o personagem-protagonista Kevin Wendell Crumb, um homem de aproximadamente 30 anos que apresenta um quadro severo de dissociação - com total de 23 identidades distintas -, com um histórico de maus tratos e abandono parental na infância.

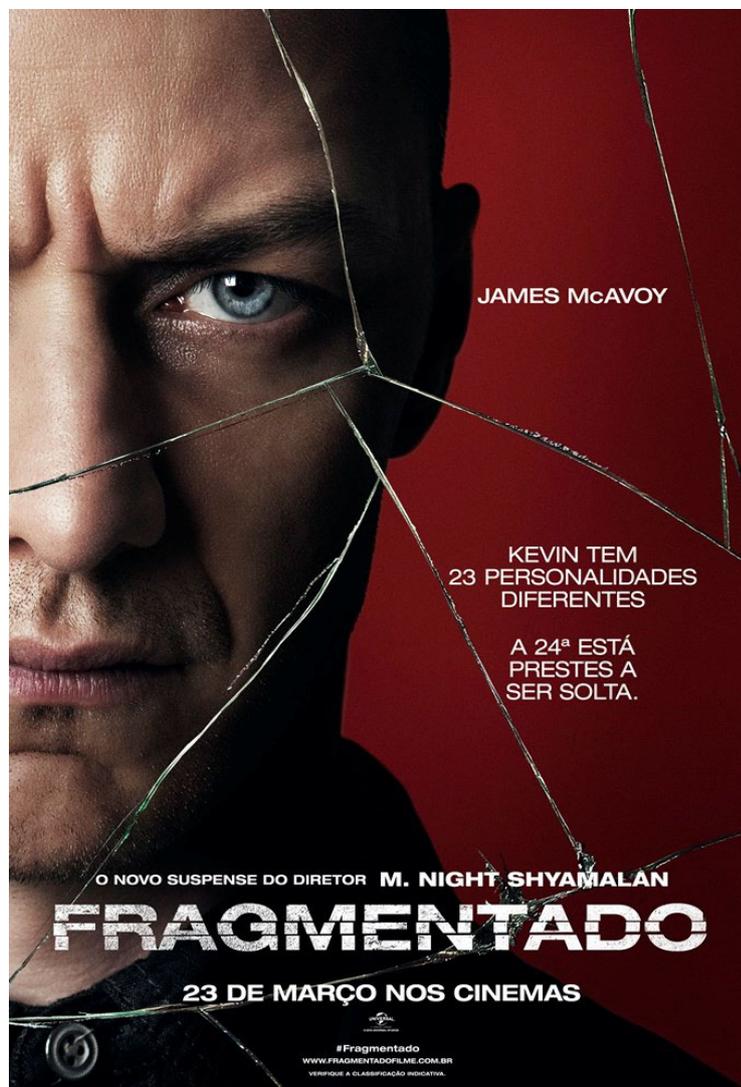


Figura 1. Cartaz do filme Fragmentado. Foto: Reprodução.

O longa inicia com o protagonista sequestrando três adolescentes - Claire, Marcia e Cassey - no estacionamento de um shopping e as mantendo cárcere privado no subsolo de um zoológico. Ao longo da trama, é revelado que as garotas são sequestradas com o objetivo de

serem sacrificadas em uma espécie de ritual para libertar a Besta, descrita como uma figura de grande poder que está prestes a emergir. Cassey, que também possui histórico de abuso e maus tratos, percebe as intenções do protagonista e ao longo dos dias em cativeiro procura meios de escapar.

O protagonista em função de seu quadro psicopatológico é acompanhado pela Dr^a. Fletcher, com a qual tem sessões de terapia semanais. A terapeuta desenvolveu um estudo pioneiro, propondo que algumas psicopatologias são a chave para desbloquear a potencialidade máxima do cérebro, sendo uma espécie de evolução da raça humana. Já no início da trama a Dr^a Fletcher percebe que algo está acontecendo na vida de Kevin, principalmente após ele relatar a manifestação de uma 24^a identidade com características sobre-humanas. A partir de então, a terapeuta passa a observá-lo mais de perto, preocupada com as repercussões da Besta na vida de Kevin e suspeitando de que seu paciente está escondendo algo importante.

Kevin Wendell Crumb: uma análise psicopatológica

O presente tópico tratará sobre os sinais e sintomas transtorno dissociativo de identidade apresentados pelo personagem principal no filme Fragmentado, baseando-se em critérios e características diagnósticas estabelecidos pelo DSM-5 (APA, 2014) e a literatura na área. Em relação aos critérios diagnósticos do DSM-5 (APA, 2014), apresenta-se: A. Ruptura de identidade caracterizada pela presença de dois ou mais estados de personalidade distintos; B. Lacunas recorrentes na recordação de eventos cotidianos, traumáticos ou informações pessoais constantes; C. Os sintomas causam sofrimento clinicamente significativo e prejuízo em diversas áreas da vida do indivíduo; D. A perturbação não é parte normal de uma prática religiosa ou cultural; E. Os sintomas não são atribuíveis aos efeitos de alguma substância ou outra condição médica. Para diagnóstico de TDI, basta atender ao Critério A.

É importante esclarecer que a maior parte dos casos não envolve descontinuidade de identidade por períodos prolongados, de modo que é recorrente que não seja observável por pessoas próximas ao indivíduo com o transtorno e que os próprios minimizem suas experiências dissociativas (APA, 2014). O caso de Kevin é extremo em comparação a maior parte de estudos de casos registrados, pois toda sua vida adulta apresenta-se como uma alternância contínua entre as 24 identidades. Nesse sentido, seu transtorno pode ser identificado sobretudo pelo conjunto de sintomas referentes ao Critério A e B.

O critério A pode ser observado na variedade dos estados alternados de suas identidades, o que afeta os comportamentos, consciência, afetos e a própria percepção de Kevin sobre si mesmo. Segundo o que é descrito no filme, as próprias identidades “decidem” quem virá à luz ou não, o que acontece repentinamente e sem controle algum por parte do personagem. O fato de que as diferentes identidades apresentam idades, gênero e aspectos físicos distintos reforça os sintomas de descontinuidade no senso de si. A mudança de um estado para outro pode ser de forma “completa” por um fenômeno denominado *switching* ou troca, e pode durar algo em torno de segundos. Tal processo geralmente ocorre em resposta a eventos estressantes, ameaças psicossociais ou a estímulos eliciadores de lembranças traumáticas determinantes na causação desse transtorno. (Maraldi, 2014). Quando tais estímulos são percebidos ocorre a troca, permitindo que uma identidade aflita/fragilizada recue enquanto surge uma que é mais competente para lidar com a situação (Kluft, 2006). Ainda, considera-se o fenômeno de dissociações parciais, mais comuns em casos relatados na literatura. Esses poderiam ser caracterizados por pensamentos intrusivos, experiências auditivas - como o relato de ouvir vozes -, somáticas e olfativas que são estranhas ao contexto, e, por fim, emoções e intenções aparentemente inexplicáveis (Howell, 2011).

Há discordâncias e lacunas nos estudos da área quando se trata de explicar algumas experiências no transtorno, haja vista a heterogeneidade e diferença entre casos. Nesse sentido, uma situação que pode parecer peculiar na longa metragem de Shyamalan refere-se ao fato de que apenas uma das identidades tem diabetes, retratado no quando aplica insulina em si mesmo (01h23min: 32) – “todos os médicos, com exceção da Dr. Fletcher, dizem que somos a mesma pessoa, apenas personalidades diferentes. Como você explica que eu sou o único que precisa disso?”. De forma subjetiva, o fenômeno pode ser entendido como uma alteração extrema na percepção de si, acompanhados da sensação de que não se trata de “seu corpo”. Em adendo, há indícios de estudos de caso que apontaram uma diferença na atividade cerebral para cada identidade em relação ao processamento de informação visual, considerando que o caso se tratava de um paciente com transtorno dissociativo de identidade em que certas identidades conseguiam ver e outras eram cegas (Strasburger & Waldvogel, 2015). Dessa forma, propõe-se a reflexão que os diferentes fluxos de pensamento, emoções e ações vividos por cada identidade, em adição a serem experiências dissociativas intensas relacionam-se igualmente a reações psicofisiológicas distintas.

Em consonância, no filme, a terapeuta busca participar de um evento científico com o objetivo de desmistificar o TDI e trazer sua experiência como profissional da área. Trazendo informações relevantes como as possibilidades de diferenciação entre personalidades que não se resumem ao âmbito psicológico, mas podem atravessar as fronteiras do biológico. Partindo a sua atuação para a compreensão de que cada identidade deve ser reconhecida e respeitada pelo que é, a fim de se desenvolver a visão do paciente como um todo, isso se traduz no filme em (00h57min: 08) – “Por exemplo, tenho a habilidade de usar o nome de Kevin e trazê-lo de volta, como já aconteceu. Mas não farei isso. Eu sei que isso seria um caos para todos. Cada um deve emergir. E não quero machucar nenhum de vocês assim. Não precisam se esconder. Eu sei que se importa com o Kevin. Não acho que você seja mau. Você é necessário. Dennis, é você?”. O posicionamento da terapeuta suscita algumas reflexões sobre a importância da atuação de clínicos com indivíduos que apresentam TDI. Para Howell (2011), é necessário respeitar a experiência dissociativa e entender como ela pode fazer o indivíduo sentir até mesmo que tenha corpos diferentes; contudo, faz-se necessário compreender o indivíduo através do todo e procurar auxiliar pessoas com TDI a entender que identidades dissociadas são parte do que são como expressão de uma experiência subjetiva complexa, em uma busca de integrar o senso de identidade para que possa lidar emocionalmente com traumas passados e enfrentar a vida cotidiana.

O segundo conjunto de sintomas presentes em casos em que a alternância de estados de identidade é constante diz respeito à amnésia dissociativa (Critério B), que pode se manifestar como lacunas na memória em relação a eventos importantes ou esquecimentos referentes ao que fez no dia e habilidades já aprendidas. O caso do filme é bastante enfático quando demonstra que o *self* original, Kevin, não tem ciência diversas vezes do que as identidades fazem. De fato, estudos sugerem que indivíduos com TDI comumente não conseguem se lembrar do que foi realizado num estado de identidade diferente, ressaltando, todavia, que a abrangência da amnésia também está relacionada à gravidade do transtorno (Huntjens, Verschuere & McNally, 2012; Morton, 2017). Uma cena que explicita a amnésia dissociativa passa-se após a personalidade da Besta ter matado Dra. Fletcher, Kevin - “vindo à tona”, como colocado pelo filme, percebe a situação e fica alarmado, indagando Casey sobre quem a havia matado. Quando recebe a resposta de que fora ele quem havia executado a ação, Kevin defende-se e diz (01h34min: 56) – “eu juro que estava no ônibus. Eu não lembro de nada depois disso”.

É importante pensar, a partir disso, na relação entre senso de identidade e memória. Construimos um senso de identidade pessoal a partir de um fluxo constante de memória, sob o qual classificamos experiências e construimos individual e socialmente uma imagem sobre nós

mesmos (Bremner & Marmar, 1998). Compreende-se a identidade não como um fator cristalizado, mas relacional, partindo-se da inserção de um indivíduo em determinado contexto e as possibilidades relacionais de criação da concepção de si como sujeito que são possibilitados pela memória de acontecimentos vividos. Em pessoas com TDI, experiências traumáticas podem não ser processadas de maneira integrada. Isso não significa que essa informação se perde, mas é codificada em outras identidades. A organização de diferentes experiências para cada estado de identidade está relacionada com a amnésia, visto que é comum que o indivíduo relate ser incapaz de se lembrar o que viveu sob domínio de outra identidade (Marinaldi, 2019). É possível pensar, nessa forma, no processo de amnésia como mecanismo de defesa em que cada identidade tem seu papel no enfrentamento ou manutenção da existência do indivíduo. A separação de estados de personalidade cumpriria um papel de tentativa de uma certa estabilidade (Santos, Guarienti, Santos, Daura & Dal’Pizol, 2015). Ainda, segundo Rodrigues (2016), a dissociação é utilizada para prevenir a consciência da dor que o indivíduo atravessou, de sua história e do que isso significa para si. Como explicado no próximo tópico, a longa metragem elucida a função de proteção e enfrentamento de certas personalidades em relação aos traumas experienciados por Kevin.

Do Kevin a Besta: uma análise da dinâmica do Transtorno Dissociativo de Identidade

Neste tópico, uma análise das relações entre algumas das identidades apresentadas pelo protagonista do filme “Fragmentado” diagnosticado com TDI, com base na literatura da área recente sobre o assunto. As cinco identidades que serão evidenciadas e servirão como balizadoras para a compreensão do filme são: Dennis, Hedwing, Miss Patrícia, Barry e a Besta, sendo a identidade de Kevin a original. Ademais, aspectos dos sintomas relacionados com as identidades apresentadas no filme, bem como a problemática da sua repercussão na mídia serão apresentadas a seguir.

De acordo com o DSM-5 (APA, 2014, p. 294) O transtorno dissociativo de identidade é caracterizado como um tipo complexo do transtorno de estresse pós-traumático e pode se manifestar pela primeira vez em praticamente qualquer idade (desde a primeira infância até a idade adulta avançada). Estando associado a experiências devastadoras, eventos traumáticos e/ou abuso ocorrido na infância (Howell, 2011). A partir do trauma, ocorre a construção e manutenção de identidades alternativas que constituem um mecanismo complexo de defesa contra o trauma, em que a personalidade biograficamente dominante negaria e reprimiria o evento, tornando-o presente a partir de suas outras identidades (Maraldi, 2019). Assim como no filme, a qual demonstra-se que o personagem Kevin foi abusado sexualmente quando criança e possuiu uma educação agressiva e violenta de seus pais.

Na obra cinematográfica é relatado por Kevin que as suas 23 identidades se posicionam como se estivessem sentados em círculos em uma sala, esperando por sua vez de “vir à luz”, ou seja, possuir controle sobre o corpo. Sendo a identidade de Barry a responsável por controlar o quem entra na luz. Na literatura compreende-se que alguns dos tipos mais comuns de identidade em indivíduos que apresentam o TDI são: a identidade criança e adolescente, a identidade auxiliar com autonomia interna, a identidade não-humana e a identidade mais velha (Fike, 1990). Cada identidade no filme pode ser observada como tendo uma história pessoal distinta e própria, autoimagem e identidade, inclusive com nomes diferentes; cada uma determina comportamentos, atitudes e sentimentos diferentes. Contudo, apesar de haver evidências na literatura da vivência dissociada como uma separação definida, como se de fato fossem pessoas diferentes, epidemiologicamente isso é raro. O mais comum do TDI é ter a fragmentação de uma maneira muito sutil, que muitas vezes mesmo pessoas mais próximas não conseguem identificar (APA, 2014).

No longa-metragem, a identidade de Hedwing comporta-se como uma criança e adolescente, apresentando comportamentos infantis e atitudes ingênuas. Ilustra-se a descrição quando depois de sequestrar as 3 meninas esta identidade vai até o quarto onde estão presas e uma delas pergunta quantos anos ele tem, e a resposta é (00h25min: 33) – “Nove”. Casey diz: (00h25min: 37) – “Então você não é o cara que nos sequestrou?” Hedwing ri e diz: - “Não”. Compreende-se a partir do filme que esta identidade surge para lidar com sentimentos inaceitáveis pela personalidade original e para suportar a violência ou abuso que esta não tolera. Comumente esta identidade infantilizada é o tipo mais frequente de identidade e muitas vezes a primeira descoberta em uma terapia, sendo resultado do impacto da experiência traumática que prejudicou o desenvolvimento estável da identidade e do autoconceito do sujeito desde a sua infância e adolescência (Maraldi, 2019).

Em continuidade, Miss Patricia, é caracterizada no filme como a representação da paternidade e maternidade, representando um papel de carinho e proteção. Podemos perceber o papel de Miss Patricia protegendo as garotas sequestradas na seguinte cena em que ela fala com as meninas referindo-se à identidade de Denis: (00h20min: 05) - “Não se preocupem. Vou falar com ele. Ele me ouve. Ele não está bem. Ele sabe por que vocês estão aqui. Ele está proibido de tocar em vocês. Ele sabe disso”. Já a identidade de Barry apresenta-se como a mais racional, observadora e controlada, possuindo um papel de identidade auxiliar com autonomia (Martins, Andrade & Filho, 2017). Ilustra-se essa identidade com a cena presente no filme ao sabermos que Barry é a identidade protagonista no processo de tratamento, e em determinada cena no consultório a Dr^a. Fletcher diz: (00h15min: 45) - “Sabe, de todos os meus clientes com seu transtorno, você é o mais regular no seu trabalho”.

Em uma cena do filme é retratado a situação de que a identidade de Barry envia um e-mail buscando psicoterapia com urgência, mas quando chega o momento da sessão é a identidade de Dennis quem “vem à luz” e tenta se esconder no decorrer da sessão, fingindo ser Barry. A terapeuta percebe a performance do paciente, já que compreende que este luta contra o desejo de ver meninas nuas e sequestrá-las, pois, julga esta identidade como indesejável e moralmente errada. Ela pergunta "com quem estou falando agora?" e a partir do conhecimento do caso a terapeuta consegue que o paciente admita estar ali agora como Denis. É interessante destacar que dentre as 23 identidades de Kevin, a terapeuta a partir da intervenção, oferece sentido a identidade de Denis ao elucidar a sua função: proteger a personalidade de Kevin que era abusada e punida gravemente durante a infância. Assim, Denis ocupa um papel de ser agressivo, violento e realizar as tarefas de forma impecável, possuindo até diagnóstico de transtorno obsessivo compulsivo (TOC), podendo ser entendido como um mecanismo de defesa a vulnerabilidade representada pela criança abusada no passado de Kevin.

Ressalta-se que indivíduos com TDI frequentemente exibem transtornos comórbidos. O transtorno de estresse pós traumático é comumente relatado, tendo em vista a relação entre dissociação e traumas. Outros transtornos comórbidos frequentes são transtornos depressivos, de personalidade (com ênfase à borderline e transtorno de personalidade evitativa), alimentares, relacionados ao sono e o TOC (APA, 2014). Além da alta comorbidade, há dificuldade em fazer um diagnóstico de TDI, dado a complexidade do fenômeno, sintomatologia diversificada, elevada prevalência com outros transtornos e dificuldade em determinar sua etiologia e abrangência (Martins, Andrade & Filho, 2013). Estudos clínicos consideram a existência de sub diagnósticos para TDI, considerando-se como pode levar anos para ser corretamente estabelecido e por se tratar de um diagnóstico ainda raro para profissionais de saúde mental (Santos et al, 2015).

É possível identificar o processo de switching ou troca de estados de personalidade no filme quando a personalidade de Barry manda um e-mail pedindo ajuda para a terapeuta de

madrugada e ocorre uma troca no dia seguinte no momento da sessão com a intenção de esconder o crime cometido por Denis. Fica claro que foi Barry quem enviou o e-mail e que este sabe de todas as outras identidade presentes em Kevin, quando em outro momento do filme Hedwing relata o que Barry faz em relação ao tratamento psicológico e diz para Cassey: (00h54min: 03) – “Quando eu durmo, um deles tenta falar com a médica para nos dedurar”. Destaca-se aqui que Barry é capaz de assistir as outras personalidades, relatar o que estão fazendo e como estão reagindo a determinadas situações, diferentemente da identidade infantil que ao ser questionada pelas meninas sequestradas sobre as intenções das outras identidades: - “Você não sabe o que eles pensam?” Hedwing diz: - “Não, eles não me contam muito. Comi um hot-dog.”. Como já mencionado, é comum que o indivíduo tenha dificuldade em se lembrar de parte de experiências vividas em um estado distinto de personalidade (Marinaldi, 2019). Assim, destaca-se a representação da dinâmica relacional entre as identidades. Durante a história existem alianças que se formam entre algumas, outras que possuem autoridade sobre outros, e identidades que desconhecem da existência das demais. Essas inter-relações entre as identidades podem repetir os tipos de relacionamento que o sujeito experimentou e testemunhou na infância (Marinaldi, 2019).

Por fim, a última identidade a ser discutida aqui é a Besta, a qual é retratada como uma personalidade não-humana, violenta, agressiva e irracional, em um estado de possessão maligna e incontrolável. No filme, é a Besta que comete os atos mais violentos e mata, inclusive a sua terapeuta. É representado como se possuísse forças sobre-humanas, para subir as paredes e romper grades de ferro. Ao realizar uma análise crítica observa-se no filme o estereótipo de violência e criminalidade trazido às pessoas diagnosticadas com TDI, intensificado com a aparição desta identidade. A caracterização das identidades como violentas pode se apresentar como um potencial de desinformação e estigmatização uma vez que está diretamente ligado ao distúrbio já que o protagonista é abertamente diagnosticado com Transtorno Dissociativo de Identidade. Sendo uma obra de ficção e não representando a realidade, já que dados do Departamento de Saúde e Serviços Humanitários dos Estados Unidos mostram que 3% a 5% dos crimes no país são cometidos por pessoas com transtornos mentais (Valença & Moraes, 2006).

Propõem-se aqui a reflexão de que os filmes contemporâneos de Hollywood costumam usar transtornos psicopatológicos como um foco pelo qual os problemas sociais, políticos ou econômicos, são aumentados a fim de criticar as condições sociais. Os personagens agem violentamente por raiva, um amor avassalador as suas realidades, ou uma tristeza incontrolável (Heath, 2019). Como o problema do abuso sexual e da parentalidade violenta é abordado no filme, posicionando a representação das pessoas com transtorno mental no lugar de Outro, tornando-se uma figura distorcida e quase sobrenatural que não se encaixa nas categorias culturais dominantes da sociedade. Compreende-se que essa divisão opera como parte do contexto social e cultural estrutural das divisões de poder e controle, construindo estereótipos e mitos em relação aos transtornos mentais pela indústria cinematográfica. Produzindo uma influência social que propaga estigmatização e dificulta a representatividade e aceitação desses grupos minoritários.

Considerações finais

O Transtorno Dissociativo de Identidade possui, portanto, uma sintomatologia complexa e de difícil diagnóstico. Apresentando-se de acordo com alguns autores como um transtorno do estresse pós-traumático, sendo um mecanismo dos sujeitos para lidarem com traumas, principalmente relacionados a abusos sexuais infantis.

Apesar de ter sido encontrada relações na literatura à respeito da caracterização do transtorno dissociativo de identidade no filme, aponta-se o sensacionalismo e, possivelmente, falta de cuidado em retratar de maneira intensa e caricata o transtorno como um fenômeno violento e perigoso. Pessoas com TDI apresentam casos diversos, podendo apresentar comportamentos agressivos em determinados estados de personalidade; contudo, é destacado como usualmente encontram-se em estado vulnerável. Kevin Crumb é retratado ora como interessante, ora confuso e, por fim, ameaçador. Entende-se que há uma utilização de liberdade poética para extrapolar elementos do transtorno e fazer da experiência dissociativa uma justificativa para gêneros como terror e suspense, como é o caso de *Fragmentado*. Em consonância, Rodrigo Leite, médico do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo ressalta, em análise do filme, como o mesmo reforça a estigmatização de transtornos mentais quando os vincula a comportamentos perigosos para a sociedade quando, no geral, esses indivíduos apresentam maior risco a si mesmos do que aos outros (Fuentes, 2017).

É importante destacar que apesar das tentativas de distinção e descrições das identidades alternativas, as partes dissociadas não são pessoas separadas - elas são parte de uma pessoa. Mesmo que indivíduos com TDI possam experimentar suas identidades dissociadas como sendo pessoas diferentes, com nomes e características particulares, não há indícios de benefícios em investigações e tratamentos pautados na mera distinção de uma identidade da outra (Maraldi, 2014). Nesse sentido, diversas são as críticas feitas a procura incessante por alters retratada pelo filme. O fato de que as diferentes identidades do protagonista são tão distintas entre si e que há uma constante alternância de estados de personalidade contribui para um imaginário popular de que pessoas com TDI são tão diferentes umas das outras que podem ser caracterizadas como indivíduos separados, coisa que interfere na pesquisa sobre o tema e na atuação de alguns profissionais. O filme induz o espectador a ter a sensação de observar diversas pessoas em uma só, como quando uma identidade diz “todos os médicos, com exceção da Dr. Fletcher, dizem que somos a mesma pessoa, apenas personalidades diferentes. Como você explica que eu sou o único que precisa disso?”, reforçando a sensação de que é errôneo - segundo o próprio protagonista - pensar nas identidades como pertencentes a um só indivíduo. Outros elementos narrativos que estereotipam a fragmentação se dão pelo suscitamento de um sentimento de empatia por Hardwig, a criança, ao retratá-lo como inocente e vulnerável frente às outras identidades, ao mesmo tempo que o arco narrativo da Besta é a clássica representação de um vilão. Nesse sentido, o longa-metragem enfatiza papéis costumeiramente dados à “heróis e vilões” às diferentes identidades de Kevin, de forma que o imaginário inevitavelmente gira em torno da ideia de que cada identidade pode ser entendida como uma pessoa.

O longa metragem realiza uma abordagem caricata e quase sensacionalista, que foge a realidade do Transtorno Dissociativo de Identidade, prezando pelo entretenimento em detrimento de uma representação informativa do diagnóstico. Encontra-se esta problemática de acordo com Heath (2019) em diversas produções Hollywoodianas contemporâneas, com filmes que mostram pouca consideração por uma representação factual dos indivíduos com transtornos mentais. Dessa forma, levantam questões sobre o que esses filmes estão comunicando, e como eles usam a diferença mental e a sua condição para propagar desinformação e estereótipos. Reflete-se assim que as representações das pessoas com transtornos mentais são representadas no lugar do Outro, daqueles que estão excluídos socialmente e não se adequam a normalidade e, portanto, podem realizar atos do campo do sobrenatural, criminoso e imoral. Especificamente, no diagnóstico do TDI a representação da imprevisibilidade, violência e agressividade é explorada para caracterizar os personagens, o que produz preconceito e medo sobre o diagnóstico e são produtores de exclusão social. Ressaltando um panorama contraditório sobre o diagnóstico da doença, tendo em vista a descrença por parte dos

profissionais de saúde, somado aos casos de fraudes para atenuação de penas no âmbito jurídico e a má representação nos veículos de mídia.

Conclui-se que o modo que esses personagens são representados mantêm este grupo, aos olhos da sociedade, a partir das mesmas características pejorativas usadas para representá-los. Tendo em vista que, em última instância, a mídia apresenta papel de agente socializador e, a partir da contínua representação estereotipada de psicopatologias, contribui para reproduzir crenças que, por repetição ou persuasão, podem ser apropriadas pelos indivíduos (Dutra & Monteiro, 2019). Pode-se pensar que o imaginário violento de TDI trazido pelo impacto da narrativa do filme tenha potencialidade de influenciar atitudes discriminatórias e preconceituosas para com pessoas diagnosticadas, fazendo com que seu convívio em sociedade seja gradativamente mais dificultado.

Referências

- Associação Psiquiátrica Americana [APA]. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*, (5 ed; DSM-5). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bremner, J.D., & Marmar, C.R. (1998). *Trauma, Memory, and Dissociation*. (1 ed). Washington: American Psychiatric Press.
- Coons, P. M. (1994). Multiple Personality Disorder. Em, M. Hersen & R. T. Ammerman (eds.), *Handbook of Prescriptive Treatments for Adults*, (pp. 297-316). Nova Iorque: Plenum Press.
- Dalgalarrondo, P. (2019). *Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais* (3. ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Dell, P. F., & O'Neil, J. A. (Eds.). (2009). *Dissociation and the dissociative disorders: DSM-V and beyond*. Nova Iorque; Londres: Routledge/Taylor & Francis Group.
- Dutra, C. A. M., & Monteiro, M. C. M. (2019). *A glamourização de transtornos psicológicos na mídia*. XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Disponível em <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-0560-1.pdf>
- Faria, M. de A. (2016). *Transtorno dissociativo de identidade e esquizofrenia: uma investigação diagnóstica* (Tese de doutorado). Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil. Disponível em <https://doi.org/http://repositorio.unb.br/handle/10482/22760>.
- Fike, M. L. (1990). Clinical manifestations in persons with multiple personality disorder. *American Journal of Occupational Therapy*, 44(11), 984-990. <https://doi.org/10.5014/ajot.44.11.984>
- Fragmentado*, dir. M. Night Shyamalan. 2016; Universal City, CA: Universal Studios.
- Fuentes, L. (2017). *Erros (e acertos) de 'Fragmentado' e suas muitas personalidades*. Veja, 2017. Disponível em <https://veja.abril>.
- Heath, E. (2019). *Mental disorders in popular films: how Hollywood uses, shames, and obscures mental diversity*. Lanham: Lexington Books.
- Howell, E. F. (2011). *Understanding and treating Dissociative identity disorder: A relational approach*, Relational perspectives (vol. 49). Nova Iorque, Londres: Routledge
- Huntjens, R.J.C., Verschuere, B., & McNally, R.J. (2012). Inter-Identity Autobiographical Amnesia in Patients with Dissociative Identity Disorder. *PLoS ONE*, 7(7): e40580. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0040580>
- Kluft, R. P. (2006). Dealing with Alters: A Pragmatic Clinical Perspective. *Psychiatric Clinics of North America*, 29(1), 281–304. <https://doi.org/10.1016/j.psc.2005.10.010>.
- Lynn, S. J., Fassler, O., Knox, J. A., & Lilienfeld, S. O. (2006). Dissociation and Dissociative Identity Disorder: Treatment Guidelines and Cautions. Em J. E. Fisher & W. T. O'Donohue, (eds.), *Practitioner's Guide to Evidence-Based Psychotherapy*, (pp. 248-257). Boston: Springer
- Maraldi, E. O. (2014). *Dissociação, crença e identidade: uma perspectiva psicossocial*. (Tese de doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Maraldi, E. O. (2019). Transtorno Dissociativo de Identidade: aspectos diagnósticos e implicações clínicas forenses. *Fronteiras Interdisciplinares do Direito*, 2(2), 1-31. <https://doi.org/10.23925/2596-3333.2019v2i1a7>

- Martins, S. S., Andrade, G. S. S., & Filho, N. R. (2017). Transtorno Dissociativo de Identidade no filme fragmentado: uma análise psicopatológica do personagem Kevin Wendell. *Revista Multidisciplinar Pey Këyo Científico*, 3(1), 113–131.
- Morton, J. (2017). Interidentity amnesia in dissociative identity disorder, *Cognitive Neuropsychiatry*, 22(4), 315-330. <https://doi.org/10.1080/13546805.2017.1327848>
- Organização Mundial da Saúde [OMS]. (1993). *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10. Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Putnam, F. W. (2000) Dissociative Disorders. Em: Sameroff A. J., Lewis M., Miller S. M., (eds) *Handbook of Developmental Psychopathology*, (pp. 743-754). Boston: Springer.
- Rodrigues, M. A. D. E. (2016). *A dissociação e integração nos sonhos: um estudo de caso com perturbação de identidade dissociativa*. (Tese de doutorado). Universidade de Lisboa, Lisboa. Disponível em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/27553>
- Ross, C. A. (1989). *Multiple personality disorder: Diagnosis, clinical features, and treatment*. Oxford: John Wiley & Sons.
- Sadock, B. J., Sadock, V. A., & Ruiz, P. (2017). *Compêndio de Psiquiatria: Ciência do Comportamento e Psiquiatria Clínica* (11 ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Santos, M.P., Guarienti, L.D., Santos, P.P., Daura, E.F., & Dal’Pizol, A.D. (2015). Transtorno Dissociativo de Identidade (Múltiplas personalidades): Relato e estudo de caso. *Revista Debates em Psiquiatria*, (2), 32-37. Disponível em: http://abpbrasil.websiteseuro.com/rdp15/02/rdp_02_15.pdf
- Sistema Único de Saúde, & Estado de Santa Catarina. (2015). *Transtornos dissociativos, conversivos e somatoformes*. 0–10. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000400006&lng=en&nrm=isso
- Spiegel, D. (2012). Divided consciousness: dissociation in DSM-5. *Depression and Anxiety*, 29(8), 667–670. doi:10.1002/da.21984
- Strasburger, H., & Waldvogel, B. (2015). Sight and blindness in the same person: Gating in the visual system. *PsyCh journal*, 4(4), 178-185.
- Valença, A. M. & Moraes, T. M. (2006). Relação entre homicídio e transtornos mentais. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 28(Suppl. 2), s62-s68. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462006000600003>
- Watkins, J. G., & Watkins, H. H. (1998). The management of malevolent ego states in multiple personality disorder. *Dissociation: Progress in the Dissociative Disorders*, 1(1), 67–72.